

que devem “aceitar a necessidade de governos autoritários”, “capazes de obter obediência”, e outros, já na escala do cinismo, vão adiante, não vendo razão por que tendo de escolher entre totalitarismo e depressão não se escolha o primeiro. Podemos acrescentar: alguns já escolheram. Os resultados estão um pouco na análise que vai adiante, no livro. Os defensores daquela opção, aliás falsa, têm suas razões, mas a história assinala que as crises tiveram, também, aspectos positivos, ainda em suas fases agudas: agora mesmo, conhecemos um continente inteiro, a África, que se liberta. É preciso reconhecer que a sorte do capitalismo não deve ser confundida com a sorte da humanidade: ele já não determina os destinos do mundo.

Quanto à depressão, é curioso constatar certos diagnósticos e profecias. A do austero *The Economist*, por exemplo. Analisando a inflação mundial, escreve: “Os vencedores serão os países com a mais baixa taxa de inflação salarial e de preços para uma determinada taxa de crescimento ou nível de desemprego, os países com margem competitiva ante as atuais taxas cambiais. (...) Quanto menos problemas tiver um país, mais facilmente ele poderá resolvê-los às expensas de outros. Os mais fortes imporão o ritmo. (...) Qualquer recessão acelerará a queda nos preços dos produtos e afetará os países mais pobres do mundo. Para alguns, uma recessão mundial trará, não somente o aperto dos cintos, como o espectro da fome”.² Não é, pois, perspectiva sedutora, particularmente quando colocada com tamanha crueza.

A etapa de crise geral do capitalismo, nesta fase de depressão, apresenta o fenômeno das empresas ditas multinacionais, e este é outro aspecto que convém examinar, ainda que por alto. A internacionalização da economia é um fato, mas apresenta características diferentes, conforme cada caso. Quando se trata das multinacionais, por exemplo, uma coisa é o que elas alcançam nos países dependentes, e outra o que alcançam no país de origem: “Não há dúvida — diz um comentarista — de que os problemas com a balança comercial, a crise do dólar e a alta proporção de desempregados foram alguns dos fatos que levaram os americanos a se perguntarem aonde as firmas multinacionais estão levando os Estados Unidos e a economia internacional — para uma era de progresso e estabilidade ou, pelo contrário, para o oligopólio e a insegurança?” Acrescentando: “Para a poderosa AFL-CIO, as multinacionais estão tendo um impacto *devastador* na economia e na sociedade dos Estados Unidos”. Mencionava, ainda, aspecto singular do problema: “A internacionalização do movimento sindical enfrenta inúmeros obstáculos, um dos quais é a posição do Governo de certos países que se, por um lado, abrem suas portas para as multinacionais, por outro as fecham para o intercâmbio de idéias e colaboração entre os sindicatos”.³

Já em 1972, verificava-se que as principais empresas multinacionais representavam quase a metade das 100 pessoas jurídicas economicamente mais ricas do mundo. Na América Latina, apenas três países — Brasil, México e Argentina — tinham produção anual superior à da General Motors em valor. Charles Levinson mostraria, por outro lado, que, das 53 empresas multinacionais, indicadas como controladoras da produção e das

² No *Jornal do Brasil*, Rio, 16 de junho de 1974.

³ No *Jornal do Brasil*, Rio, 10 de junho de 1973.